

Dossiê: “Novos Debates na Formação em Antropologia”



Imagem do acervo da Biblioteca Nacional

Organizadores

Luiz Couceiro

Amurabi Oliveira

Apresentação

Presentation

Luiz Couceiro^{1,2}
Amurabi Oliveira³

¹Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil

²Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, Brasil

³Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

Ao nos referirmos à produção do campo da antropologia no Brasil, poderiam nos vir à mente nomes dos seus pioneiros, como Edgard Roquette Pinto (1884-1954), Heloisa Alberto Torres (1895-1977), Gilberto Freyre (1900-1987), Arthur Ramos (1903-1949), Marina de Vasconcelos (1912-1973), ou ainda de instituições relevantes como o Museu Nacional, a Fundação Joaquim Nabuco, a Universidade de São Paulo e o Museu Emílio Goeldi. Não seria estranho pensar em obras marcantes, como *Casa-Grande e Senzala* (1933), *As Américas e a civilização* (1970), *Carnaval, Malandros e Heróis* (1979). Contudo, sugerimos que há a tendência de não estar entre as primeiras opções refletir sobre a prática do ensino da antropologia, posto que a rotinização do conhecimento antropológico ocorreu tanto por meio da pesquisa, quanto da docência (Oliveira, 2019). Notadamente, o ensino reflete uma parte do que poderíamos chamar de formação antropológica, compreendendo que os diversos diálogos que essa disciplina elabora possuem uma dimensão formativa para o público que entra em contato com a produção que vem sendo acumulada. Assim, vão sendo criadas técnicas e metodologias de pesquisa ora mais, ora menos padronizadas, textos e autores referenciados como sendo clássicos, treinamentos em investigações, tendências de abordagens teóricas, em meio à trama de temáticas que ajudam a alavancar debates éticos de atuação profissional.

Essa percepção de que a reflexão sobre o ensino é algo central e necessário para a antropologia está posta desde a fundação da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), que ocorreu na 2ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) em 1955, em Salvador, Bahia. Mas apenas nos anos 2000 foi formada uma comissão de Ensino de Antropologia nessa associação, posteriormente convertida em comissão de Educação, Ciência e Tecnologia. Só recentemente se observa a organização de mesas redondas e de Grupos de Trabalho na RBA voltadas para essa temática¹ (Sanabria; Duarte, 2019; Oliveira, 2021), assim como eventos específicos promovidos pela ABA, originando, em algumas vezes, publicações de referência (Grossi; Rial; Tassinari, 2006; Tavares; Guedes;

¹ Nas edições de 2014, 2016, 2018 e 2022, Amurabi Oliveira coordenou o GT "Aprender e ensinar antropologia" junto à RBA, atuando ainda como debatedor na edição de 2020 desse grupo. Apesar de ainda predominar uma agenda voltada para o ensino superior, observa-se a existência de inúmeros trabalhos voltados especificamente para a educação básica.



Caruso, 2010). No contexto da pandemia da COVID-19, a referida comissão promoveu, ainda, o evento virtual *Aprendendo e ensinando antropologia durante a pandemia: dilemas, desafios e oportunidades* (2021), que versou, justamente, sobre o ensino da antropologia no atual momento em que vivemos, marcado pelos processos de ensino e aprendizado mediados virtualmente.

No cenário internacional, encontramos cada vez mais espaço para a discussão sobre o ensino da antropologia: a International Union of Anthropological and Ethnological Sciences (IUAES) possui uma seção voltada para antropologia e educação, o Instituto Real de Antropologia de Londres tem publicado desde 2011 a revista *Teaching Anthropology*, voltada de forma específica para essa discussão e, na América Latina, vale destacar o papel central tanto do Congresso Latino-Americano de Antropologia, quanto da Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), demonstrando a atualidade desse debate.

Poderíamos destacar de forma ainda mais incisiva que o debate mais amplo sobre a dimensão formativa no Sul Global também tem ganhado destaque nos últimos anos, considerando não apenas a formação antropológica que ocorre nesse eixo, bem como o impacto do que nele é produzido no Norte Global. De forma sintética, poderíamos afirmar que não seria mais possível pensar a formação antropológica exclusivamente a partir do Norte Global, sendo necessário ampliar o escopo do debate, dentro de uma perspectiva de antropologias plurais. Assim, destacamos a necessidade de continuar a se questionar o que seja os traços nacional e estatal, no sentido debatido por Butler e Spivak (2009), como conceitos-agências não deterministas de identificação do fazer antropológico, abordando processos e consequências de situações imperialistas na conformação desse campo de saber (De L'Estoile, Neiburg, Sigaud 2002, p. 9-37).

Como podemos perceber a partir do levantamento bibliográfico realizado por Sanabria e Duarte (2019) acerca do ensino de antropologia no Brasil, há produção significativa sobre o tema, porém bastante concentrada no ensino superior. Considerando os dados trazidos por Simião (2018), que aponta que a maior parte dos egressos da pós-graduação em antropologia atua na docência, seria possível inferir que essa forte inserção profissional por meio do sistema de ensino reafirma a necessidade de situar essa discussão no centro do debate da antropologia.

Constantemente, antropólogos(as) têm sido recorridos para o centro do debate educacional no Brasil, no âmbito do processo de redemocratização sociopolítica a partir da década de 1980. A promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Lei n. 9.394/1996), assim como dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) na década de 1990 lançaram luz sobre a temas relativos à diversidade cultural, o que inevitavelmente suscita reflexões desenvolvidas no campo da antropologia.

Há de se destacar também a Lei n. 10.639/2003, que trata do ensino de história e cultura afro-brasileiras em toda a educação básica, assim como a Lei n. 11.645/2008 que inclui agendas das coletividades indígenas. Em ambos os casos, compreende-se que há necessidade de se acionar o conhecimento antropológico acumulado para que se possa efetivamente implementar essas mudanças de legislação, uma vez que a antropologia tem longa tradição de pesquisa junto às populações afro-brasileiras e indígenas.

Observa-se com esse movimento que a formação em antropologia – compreendida aqui em seu sentido amplo, tanto voltada para a formação de antropólogos quanto de não

antropólogos – passa a incorporar cada vez mais novos debates, especialmente no que diz respeito aos diversos marcadores de diferença, como raça/cor, gênero, sexualidade, classe, religiosidade, “deficiência”/níveis de autonomia etc. Queremos dizer com isso que pensar o que a antropologia tem a oferecer em sua dimensão formativa atualmente nos remete a novos tópicos, assim como as produções elaboradas a partir de novos agentes que estão nesse campo, considerando a expansão da presença de antropólogos e antropólogas negros, indígenas, LGBTQIA+, e demais oriundos(as) de populações menos assistidas e historicamente vilipendiadas por ações do poder público, e também de grupos econômicos privados.

Abrindo o nosso dossiê, Grazielle Ramos Schweig em “O Experimental e a Experimentação no Debate sobre Educação, Ensino e Antropologia” explora as noções de experimental e de experimentação, as quais têm aparecido em algumas produções antropológicas recentes, articulando-as aos debates sobre ensino e educação no âmbito da Antropologia. Segundo a autora, o resgate da qualidade experimental da etnografia – e da experimentação como maneira de proceder – pode adicionar novos elementos que redimensionam vieses normativos a respeito do papel da disciplina em tais debates. Por último, ela discute o exemplo do Modo Operativo AND (MO_AND). Nesse mesmo perfil de inovação e ousadia acadêmicas, em “Pedagogias Antropológicas Transgressora: (re) fazendo antropologia a partir da costura de cadernos de campo”, Ana Clara Damásio e Mariane da Silva Pisani caminham pela discussão entre ensino e aprendizagem para avaliar os modos pelos quais se dá a preparação de antropólogos nos cursos de formação em Antropologia e de Ciências Humanas. Avaliando elementos para uma caracterização interdisciplinar da disciplina, as autoras caracterizarem temáticas do campo da didática por meio de etnografia no âmbito da atualíssima discussão das existências denominadas por “multiespécie”, que vai para além da Antropologia.

Ewerton Domingos Tuma Martins em “Trajetória entre o ‘campo inicial’ e a Formação Antropológica: a partir de onde e como eu faço ciência?” parte de sua própria experiência como morador do litoral da costa norte do Brasil para refletir sobre seu encontro com a disciplina antropológica e as mudanças no fazer etnográfico a partir da pós-graduação. Ao mesmo tempo que debate sobre os conhecimentos tradicionais dos/das agentes sociais da região por meio de suas narrativas e perspectivas de vida, também reflete sobre as dinâmicas socioculturais e as práticas de conservação ambiental.

Em “A Autoetnografia como Processo Formativo em Antropologia: deficiência, percepção e aprendizagem”, Ceres Karam Brum traz um relato de experiência com a autoetnografia, como método e narrativa, para a realização de uma investigação sobre deficiência visual. A autora opta por enfatizar o processo de reconhecimento do nistagmo e da visão monocular como sua forma de estar no mundo, realizando com isso uma reflexão a respeito dos lugares do trabalho de campo na formação de antropólogas, o espaço do *self* na pesquisa etnográfica e a dimensão transformadora da autoetnografia na aceitação da deficiência como modo de estar no mundo e universo perceptivo.

Thais Henriques Tiriba, Carla Brito Sousa Ribeiro e Laura Moutinho em “‘A relação com o inglês mexe até com minha autoestima’: dilemas sobre acesso à língua estrangeira e inclusão em uma iniciativa didática no PPGAS/USP” tratam de um desafio contemporâneo enfrentado por muitos programas no Brasil. As autoras partem de uma iniciativa em

andamento no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, cujo objetivo é oferecer a seu corpo discente letramento em língua estrangeira, a partir da facilitação de acesso e debate de textos antropológicos em inglês. O artigo reflete sobre idiomas estrangeiros e acesso à pós-graduação, bem como sobre linguagem, poder e possibilidades de diálogos Sul-Sul a partir do inglês falado e escrito por não nativos. Apresentam, então, a estrutura das oficinas, bem como nossa metodologia voltada para estudantes com pouco ou nenhum conhecimento do idioma, possibilitando desenvolver uma reflexão sobre o papel da docência e dos PPGs na formação da próxima geração de antropólogos.

O artigo “O que a Antropologia Pode Fazer pelas Crianças?”, de autoria de Fernanda Müller e Sueli do Carmo Oliveira, defende a prática da Antropologia com crianças como uma forma de expandir os horizontes da disciplina e permitir a educação do/a antropólogo/a. Segundo as autoras, ao realizar etnografias com crianças, torna-se possível questionar as representações hegemônicas sobre a infância e ampliar a compreensão convencional acerca desse fenômeno em nível global. Ainda segundo as antropólogas, é necessária uma revisão sobre a associação imediata de educação ao ensino e escolarização, de forma a ampliar sua compreensão acerca dos diversos modos de aprendizagem.

Regilene Alves Vieira em “‘Retomada’ Antropológica: feminista negra e pesquisa com mulheres indígenas” parte de sua experiência como jovem antropóloga negra desenvolvendo pesquisa “com” mulheres indígenas, tecendo algumas reflexões no que se refere ao fazer antropológico e aos marcadores sociais que atravessam mulheres negras e indígenas. A autora articula uma autoetnografia com os processos de aprendizagem em campo, visibilizando o que se aprende nesse diálogo

Vinicius Kauê Ferreira se volta para um autor clássico da antropologia em “Releer Marcel Mauss: notas sobre o autor, professor e militante”, partindo de trabalhos biográficos, cartas publicadas, programa de ensino e artigos redigidos por Mauss, revisitando as grandes narrativas de modo a pensar a formação e trajetória desse intelectual para além da figura de Durkheim e do grupo da *Année Sociologique*. Ferreira explora a relação de Mauss com Paul Fauconnet, Henri Hubert, Sylvain Lévi, Jean Jaurès e Alfred Espinas, assim como seu engajamento com a formação de linhagens e redes mais amplas. Em linha consoante de preocupações acadêmicas, José Basili, em “Nomadismo Disciplinar, (ou) o Eterno Retorno: passos para uma antropologia divergente”, nos coloca diante de discussões sobre o caráter disciplinar da Antropologia e de que modo devemos observá-la por meio de práticas de ensino e aprendizagem de caráter nômade, ou seja, dialogando com outras produções de conhecimento sobre maneiras de existir. Para tanto, Basili questiona a ideia de que haja um padrão de etnografia como sendo elemento identificador da disciplina, algo de seria descritivo e classificatório, assim como tornar exótico o que são seja semelhante às experiências do autor, do pesquisador.

Esperamos que os leitores/as possam aproveitar o diálogo com os textos e seus/suas autores/as, fomentando assim novos debates nos processos de ensino e aprendizagem da antropologia.

Referências

- BUTLER, Judith; SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Quien le canta al Estado-Nación? Lenguaje, política, pertenencia**. Buenos Aires: Paidós, 2009.
- DE L'ESTOILE, Benoit; NEIBURG, Federico; SIGAUD, Lygia. Antropologia, Impérios e Estados Nacionais. Uma abordagem comparativa. *In*: DE L'ESTOILE, Benoit; NEIBURG, Federico; SIGAUD, Lygia (org.). **Antropologia, Impérios e Estados Nacionais**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002. Capítulo 1. p. 9-37.
- GROSSI, Miriam Pillar; RIAL, Carmen; TASSINARI, Antonella (org.). **Ensino de antropologia no Brasil: Formação, práticas disciplinares e além-fronteiras**. Florianópolis: Nova Letra, 2006.
- OLIVEIRA, Amurabi. Arthur Ramos e a rotinização da Antropologia através de seu ensino. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 659-674, 2019.
- OLIVEIRA, Amurabi. Uma análise da antropologia da educação nas Reuniões Brasileiras de Antropologia (2000-2020). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 47, 1-15, 2021.
- SANABRIA, Guillermo; DUARTE, Luiz Fernandes Dias. O ensino de Antropologia e a formação de antropólogos no Brasil hoje: de tema primordial a campo (possível) de pesquisa (antropológica). **BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, n. 90, p. 1-32, 2019.
- SIMIÃO, Daniel S. Introdução. *In*: SIMIÃO, Daniel; FELDMAN-BIANCO, Bela. (org.). **O campo da antropologia no Brasil: retrospectiva, alcances e desafios**. Rio de Janeiro: ABA, 2018. p. 9-28.
- TAVARES, Fátima, GUEDES, Simoni Lahud, CARUSO, Carlos. **Experiências de ensino e prática em Antropologia no Brasil**. Brasília, DF: Ícone Gráfica e Editora, 2010.

Luiz Couceiro

Doutor em Antropologia Cultural pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com estágio pós-doutoral em Antropologia Social no Museu Nacional (UFRJ), 2010-12, e em Sociologia no Fernand Braudel Center-SUNY at Binghamton University, 2019-20. Atualmente é professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro e no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Maranhão.

Endereço profissional: Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Av. São José do Barreto, n. 764, São José do Barreto, Macaé, RJ. CEP: 27965-045.

E-mail: luizalbertocouceiro@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1281-8048>

Amurabi Oliveira

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Livre Docente em Cultura e Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com estágio pós-doutoral em Didática das Ciências Sociais pela Universidade Autônoma de Barcelona, 2019-20. Atualmente é professor na Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisador do CNPq.

Endereço profissional: Departamento de Sociologia e Ciência Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Câmpus Trindade, s/n, Florianópolis, SC. CEP: 88040-900

E-mail: amurabi.oliveira@ufsc.br

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-7856-1196>

Como referenciar esta apresentação:

COUCEIRO, Luiz; OLIVEIRA, Amurabi. Apresentação Dossiê: Novos Debates na Formação em Antropologia. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 26, n. 1, e98214, p. 6-11, janeiro de 2024.